



ALFABETIZAÇÃO E ENSINO REMOTO: APRENDIZAGENS E VIVÊNCIAS FORMATIVAS NO PIBID

Isabeli da Silva Passos¹
Natália Trazpadini dos Santos²
Luara Alexandres dos Santos³
Lucinéia Maria Lazaretti⁴

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência descreve o processo formativo, desenvolvido no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Alfabetização, no período de outubro de 2020 até o presente momento. Trata-se de ações desenvolvidas de forma remota, devido à pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, que resultou na doença conhecida por COVID-19. As atividades envolveram estudos bibliográficos coletivos e individuais e organizações de algumas práticas de ensino na escola-campo, em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal da região noroeste do Paraná, participante do PIBID. Desse modo, o objetivo é relatar e discutir as ações teórico-práticas ocorridas na escola-campo (2º ano) tendo como respaldo as discussões teóricas desenvolvidas na universidade.

O presente relato trata-se de uma pesquisa bibliográfica, ancorada nas referências Soares (2021), Martins e Dangió (2015), e outros; associada a pesquisa de campo, realizada em uma turma de 2º ano, do ensino fundamental I. Neste contexto, a discussão perpassa a descrição e análise das práticas de ensino com foco na alfabetização, por meio do ensino remoto, via plataforma *meet*.

Partimos do entendimento que o processo de alfabetização demanda muitos estudos e uma organização sistemática a fim de construir subsídios para que a aprendizagem da escrita seja apropriada pela criança (MARTINS; DANGIÓ, 2015). Neste sentido, alguns estudos realizados durante as reuniões coletivas do PIBID foram ao encontro das reflexões do presente relato, no qual, as acadêmicas tiveram como tarefa exercitar o olhar sistêmico e crítico para o processo, complexo, de apropriação da escrita, no que se diz respeito ao caminho paulatino

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR/Campus Paranavaí, isabeli.passos10@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR/Campus Paranavaí, isabeli.passos10@gmail.com;

³ Professora Supervisora do PIBID e Professora da Rede Municipal de Paranavaí/PR. Doutoranda do Curso de Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista - UNESP/Campus Araraquara, luara.alexandre.la@gmail.com;

⁴ Doutora em Educação. Professora-coordenadora do Programa Institucional com Bolsa de Iniciação à docência (PIBID) e do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) – Campus Paranavaí-PR, lucylazaretti@gmail.com.



construído pela/na criança, fomentando e instigando a curiosidade à leitura, a função social da escrita, permitindo que a essa compreenda a escrita como linguagem humana, originada a partir da necessidade que o homem tem de se comunicar, de se expressar. “É preciso ensinar a criança a linguagem escrita e não a escrita das letras” (VIGOTSKY, 1995, p. 203). A escrita das letras não é suficiente para que a criança compreenda a complexa dinâmica que é a linguagem escrita. É preciso, por meio do trabalho desenvolvido, garantir que ela desenvolva uma consciência arbitrária, de que, para escrever, é necessário comunicar algo. Além disso, o domínio da aprendizagem escrita desenvolve a capacidade de abstração, amplia as experiências de mundo e permite a criança participar ativamente da vida social (DANGÍO; MARTINS, 2015).

A experiência relatada sistematiza esse processo formativo no PIBID, de forma a engendrar conceitos, relações e diferentes estudos, como mola propulsora de conhecimento, desencadeando em nós, acadêmicas e futuras professoras, juntamente com as professora-supervisora e professora-coordenadora, por meio do conceito e conteúdo da alfabetização, o engendramento de motivos, sentidos e significado, qualificando as novas necessidades, por meio da ampliação de experiências. Arelado a isso, a análise de todo o aparato do professor, levando em consideração as condições físicas, como o espaço e acesso aos recursos pedagógicos, como a sua formação do docente. Além disso, é importante destacar o atual o contexto social, de um momento pandêmico que afeta as diferentes esferas da vida humana e os impactos no espaço educacional, especialmente no processo de alfabetização, no que diz respeito ao desempenho escolar. Essas questões direcionaram também as reflexões feitas para se pensar como construir novos encaminhamentos para atender as necessidades do exercício da alfabetização e letramento.

Segundo Soares (2021), a alfabetização é o desdobramento do indivíduo ao reconhecer o sistema da escrita, processo de aprendizagem da leitura e escrita, já o letramento é uma ação além da escrita, é a interpretação, a organização dos discursos e reflexões, compreendendo a função social da mesma. Dialogando entre as duas questões, a alfabetização e o letramento são composto pela leitura e escrita como função social, havendo sentido, ou seja, “a criança aprende a ler e a escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita”. (SOARES, 2021 p. 27). Neste sentido, entendemos que a aprendizagem da escrita se trata da apropriação de um sistema funcional complexo, que resulta em um dos mais relevantes avanços qualitativos do psiquismo humano, no qual, complexifica-se ao longo do desenvolvimento da criança, meio das apropriações feitas de geração em geração, em direção ao domínio e promoção dessas capacidades humanas. Nesta direção, professor assume uma função de potencializar as relações sociais e os usos da língua



por meio dos gestos, falas, desenho e escrita intervindo nas diversas situações (MARTINS; DANGIÓ; 2015).

Diante do exposto, organizamos o relato nas seguintes etapas: inicialmente discorreremos o processo de observação, planejamento e intervenção, explicitando reflexões sobre o processo formativo, tecendo aproximações teóricas e os impactos na formação para a docência. À medida que relatamos, exibimos análises sobre os resultados da experiência e finalizamos com algumas considerações.

RELATO DAS AÇÕES DE OBSERVAÇÃO, PLANEJAMENTO E INTERVENÇÃO: APRENDENDO A ENSINAR

O ensino remoto foi iniciado já no início do programa, em outubro de 2020 e se estabelece até o presente momento. Desse modo, foi possível garantir a continuidade por meio do ensino remoto, no qual, cada instituição e/ou município adotaram estratégias particulares, condizentes com suas condições e circunstâncias. No município em que o PIBID/Alfabetização realiza suas ações formativas, foi possível verificar que a Secretaria de Educação Municipal, desde o início do ano letivo de 2021 desenvolveu atividades de maneira presencial (escalonada) e de maneira não-presencial, com atendimento via plataforma virtual *meet*. Além disso, são enviadas tarefas impressas a cada 15 dias letivos. Durante os períodos de atendimento não-presencial, as aulas ocorreram nas turmas de Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), quatro vezes durante a semana, com a periodicidade de 2 horas/relógio por aula. Já na turma da Educação Infantil (Infantil 5), as aulas ocorreram duas vezes durante a semana, com o mesmo tempo diário.

Diante dessa configuração, organizamos as ações do PIBID em três etapas. Na etapa da observação, participamos de três aulas on-line, via a plataforma *meet* e sintetizamos algumas reflexões: a) o número de crianças que participavam nas aulas síncronas era ínfimo, em média 3 a 8 crianças. As demais crianças da turma recebiam as tarefas impressas a serem realizadas em casa, com devolutiva quinzenal à escola e a professora gravava *podcast* e vídeos explicativos para as crianças realizarem essas tarefas remotas. O que justifica essa pouca participação envolve, entre outros aspectos, o não acesso a internet e/ou não disponibilidade de equipamento para acessá-la, o que reconhecemos como um dos limites do ensino remoto; b) os conteúdos abordados nas aulas foram as famílias silábicas, do componente curricular de língua portuguesa e medida de comprimento, do Componente Curricular de Matemática; c) os recursos utilizados foram: livros didáticos, material impresso e slides. Observamos que, os alunos permaneceram com as câmeras ligadas, procuravam envolver-se com o conteúdo trabalhado e



respondiam a professora de acordo com o exercício realizado e a professora, além de organizar uma aula na tentativa de garantir aspectos dos conteúdos essenciais, procurava articular e promover ações lúdicas virtuais. No entanto, embora reconheçamos todo esse empreendimento para qualificar o ensino pelas plataformas digitais, destacamos que durante as observações também identificamos crianças com algumas dificuldades de acompanhar a aula e/ou conteúdo, distração com os estímulos tecnológicos, tais como microfones, planos de fundo, demais ferramentas, além do desafio de manter a interação e o interesse no conteúdo, dado a limitação do contato virtual.

Após a etapa da observação, iniciamos a etapa de planejamento. A partir do conteúdo indicado pela professora regente - Leitura/interpretação de texto e construção do sistema alfabético e da ortografia - traçamos os seguintes objetivos, presentes no Currículo Municipal: Escutar, com atenção, falar de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário; Segmentar palavras em sílabas e remover e substituir sílabas iniciais, mediais ou finais para criar novas palavras. Como recurso externo utilizamos a história “Chapeuzinho Amarelo” do escritor Chico Buarque.

Primeiramente reescrevemos a história com as letras em caixa alta, com a intenção de propor uma aproximação com o texto, como também uma leitura acessível para aqueles alunos que já estavam alfabetizados. Posteriormente pensamos nos recursos disponíveis à todos, já que estariam realizando a proposta em casa. Optamos por lápis e papel por entendermos que não seriam todas as crianças que teriam acesso a diferentes materiais. Propomos também tarefas relacionadas ao conteúdo, mas que fosse possível a realização por meio da plataforma on-line, tendo o objetivo de corroborar com o primeiro contato direto com a turma.

[...] em relação às especificidades infantis, mas considerando os limites impostos pela situação, principalmente nos contextos mais pobres, e sendo essa a única forma possível de manutenção de trabalho pedagógico junto às crianças, foram feitas proposições que buscar minimizar as perdas e potencializar as estratégias de contato, visto que o processo de alfabetização requer intervenções sistemáticas dos professores junto às crianças. (MENESES; FRANÇA; LOPES, 2020, p. 05).

Na terceira etapa realizamos a intervenção. Primeiramente, apresentamo-nos e explicamos quais seriam as tarefas a serem desenvolvidas em nossa aula, posteriormente iniciamos a contação de história “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque. No final do conto, a ação principal foi relacionar a história ouvida com a tarefa sequencial, por meio de perguntas como: “O que chapeuzinho fez com os medos dentro da história?” e “Qual era o principal medo da chapeuzinho?”



Na sequência, os alunos informaram seus nomes em ordem e a medida em que as respostas eram dadas, anotamos os nomes no corpo do *slide* e as crianças escreveram no papel seu primeiro. Posteriormente, desafiamos as crianças a atuarem como a Chapeuzinho Amarelo, ou seja, trocar as sílabas dos substantivos de seus medos, formando uma nova palavra. Toda a proposta, até este momento, teve como princípio norteador desenvolver a compreensão dos grafemas como um todo, que podem se separar em menores partes e estão dentro do sistema alfabético e então construir novos termos, possíveis por meio de uma brincadeira com a linguagem escrita. As crianças elaboraram, brincaram e produziram novas palavras, invertendo a direção da escrita, a localização da sílaba e assim, seguimos produzindo segmentando palavras e sílabas, direcionando a atenção dos alunos para os sons, sentidos e significados das novas palavras. De acordo com Dangió e Martins (2015, p. 213) “Nesse sentido, criar a necessidade de escrever deve ser uma preocupação didática do professor atento ao ensino que produz desenvolvimento, levando-se em conta as múltiplas relações da criança com a escrita, especialmente com a literatura”. Estabelecer o contato da criança com a literatura vai além de mostrar signos que possam ser usados no dia a dia de modo prático, mas oportuniza uma vida de escolhas próprias e críticas por organizar o mundo e ampliar o repertório de vivências e experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste relato de experiência, intencionamos relatar e discutir algumas ações teórico-práticas ocorridas na escola-campo tendo como respaldo as discussões teóricas desenvolvidas na universidade. Diante das breves análises realizadas, concluímos que o processo de alfabetização por meio do ensino remoto é complexo e exige do professor ações diferenciadas que garantam a aprendizagem do aluno. As observações, planejamento e intervenção contribuíram em nossa formação como futuras docentes, mesmo no contexto remoto, vivenciamos os desafios e os dilemas docentes em relação ao trabalho pedagógico, mediado pelas tecnologias.

O processo da alfabetização exige do profissional atuante, ações que desenvolvam nos alunos, motivos e necessidades que dialoguem com a língua escrita permanentemente. Essa síntese foi possível por meio dos estudos coletivos e individuais realizados no PIBID/Alfabetização. Fica evidente a suma importância, no que tange a relação da teoria e prática (mesmo com as intervenções online), em que os subsídios teóricos atuam como instrumentos para refletir e discutir sobre a complexidade da prática em sala de aula e a



qualidade para o ensino. Sendo assim, por meio da experiência construída no decorrer das ações do programa podemos compreender que a alfabetização mediada por instrumentos tecnológicos desafiam o professor tanto no domínio desses recursos quanto nas escolhas mais favoráveis para garantir uma aprendizagens. Dessa forma, essa experiência permitiu-nos refletir sobre a defesa potencial do PIBID como um programa que articula a universidade e a escola básica, numa formação colaborativa e compartilhada que envolve professores, gestores, estudantes e acadêmicos.

Palavras-chave: Alfabetização; Práticas de Ensino; Docência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **PIBID:** Apresentação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>. Acesso em: 15.out.2021.

DANGIÓ, M. S.; MARTINS, L. M. A Concepção histórico-cultural de alfabetização. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 210–220, 2015.

MENESES, M. M.; FRANÇA, C. G.; LOPES, D. M. C. **A alfabetização em tempos de pandemia: o que dizem as lives?** Anais XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação. Salvador; 2020, p. 1-7.

SOARES, M. **Alfaetrar:** toda criança aprende a ler e escrever. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2021, 352p.

VIGOTSKY, L. S. **Obras escogidas. Tomo III. Madrid: Visor, 1995**